

## Vizinhança incomum

Sheila Cabo Geraldo

As fábulas de *As mil e uma noites*, narradas por Scheherazade, constroem o mapa quadrangular do labirinto com que Rosana Ricalde abre esse ensaio. Assim como no desenho do labirinto, também na imagem subsequente o texto forma o novelo de O Fio de Ariadne – como aquele que, na mitologia grega, a filha do rei Minos oferece a Teseu para que o grego não se perca no labirinto de Creta e vença o Minotauro. As linhas do mapa e os fios do novelo são efetivamente trechos recortados e emendados da coleção de contos populares do Oriente Médio e do sul da Ásia, cuja artilosa narradora é capaz de vencer a truculência pela força da narrativa e pelo envolvimento nas tramas do texto. Diante dessa intrigante associação feita por Rosana entre o labirinto e os tradicionais contos, impõe-se a pergunta sobre a ordem dessas aproximações. Se a inteligência perspicaz da esposa do rei das terras orientais e a imaginação de Ariadne se identificam enquanto capacidade estratégica na desigual batalha pela sobrevivência, na primeira, e pela liberdade, na segunda, o que é essa aproximação no trabalho que Rosana vem desenvolvendo nos últimos anos?

A princípio se poderia concluir que aquilo que constrói essa aproximação passaria, necessariamente, pela negação de um certo pensamento dedutivo, afirmando-se como estrutura que propicia randomicamente diferentes caminhos para a construção de sentido. Assim é que se apresenta como forma-objeto essa esfera-novelode-Ariadne cujos trechos, de impossível leitura linear, se enrolam, encadeados na pura aleatoriedade, como a ordem de vizinhança incomum da enciclopédia chinesa descrita por Borges, a que Foucault se refere em *As palavras e as coisas*, não por acaso um livro que também foi cortado em tiras e remontado na forma de cubos, deixando à mostra trechos de frases e palavras, que se juntam no acaso de um jogo de dados, como na poesia de Mallarmé. Também nas plantas-labirintos, de escala quase gigantesca, as diminutas frases delicada e precisamente recortadas do livro de contos orientais – por si só uma compilação de narrativas que vêm sendo transformadas por sucessivas traduções e publicações –, encadeiam-se na pura lógica dos próprios contos, ou seja, naquela em que, como percebeu Walter Benjamin, um texto chama o outro, que chama o outro, indo, assim, além do texto e construindo, na tessitura labiríntica da narrativa, o envolvimento capaz de amainar toda e qualquer ânsia de destruição, seja decorrente da incapacidade de superação de frustrações do marido-rei ou da mítica impossibilidade da desobediência aos deuses. Rosana faz, nessa ordem de descontinuidade e fluxo, avizinham-se as trajetórias entrelaçadas do labirinto e as da narrativa sem fim do conto oriental, construindo ela também uma narrativa entrelaçada, sem fim e assintática. É assim que uma frase chama outra, que chama outra. Mas também um

labirinto chama outro, que chama outro. É assim, ainda, com as plantas traçadas com frases recortadas do livro *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, como foram com os “fabulosos” mapas das viagens de Marco Polo, mas também com os muitos mapas celestes e infindáveis mapas dos mares e correntes marítimas, em que os nomes tomam o lugar do não lugar das águas em movimento; afinal, como escreve Foucault sobre Borges, onde senão na linguagem essa aproximação de não associáveis é possível?

Walter Benjamin percebeu que os contos compilados de Scheherazade têm a estrutura que ele descrevera quando estudou a narrativa barroca, ou seja, um não acabamento essencial, que os coloca em consonância com a narrativa aberta. Para Benjamin, é assim que os contos concentram uma plenitude de sentido, que possibilitam uma profusão ilimitada de associações, um movimento infinito, que também é um perene ativar da memória, voluntária ou involuntária. No livro de Calvino, que Rosana também corta em tiras, Marco Polo é o narrador que conta a Kublai Khan histórias sobre cidades que supostamente rememora. Sobre Zora escreve:

Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar: nomes de homens ilustres, virtudes, números, classificações vegetais e minerais, datas de batalhas, constelações, partes do discurso.

Como um processo também rememorativo, Rosana refaz com o discurso recortado de Calvino os mapas das cidades das quais certamente quer guardar algo: Lisboa, Atenas, São Paulo, Nova York, Rio de Janeiro. Mais do que lembrar o que viveu, entretanto, apresenta em suas plantas rendilhadas das cidades concretas, visíveis, como as próprias cidades, os espaços vagos a preencher com as experiências, as memórias, os desejos de cada um, espaços que, como em Proust, desordenadamente e em fluxo, são as zonas invisíveis de cada cidade. Rosana constrói, assim, para além do discurso utópico de Marco Polo, verdadeiras cidades heterotópicas.

**Sheila Cabo Geraldo** (UERJ, Rio de Janeiro, Brasil) é historiadora e crítica de arte, professora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ, editora da revista *Concinnitas* e presidente da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. / sheicg4@gmail.com